

Transmissão da psicanálise – da análise à supervisão – uma possibilidade¹

M.^a das Graças M. C. de Freitas²

Resumo

O presente artigo tenta abordar o caminhar da transmissão psicanalítica, ancorado no tripé da análise pessoal, na supervisão e na teorização

A instituição psicanalítica, lugar de trocas e de reconhecimento mútuo, permite que se descubra igualdades e diferenças, ambos fundamentais na construção de uma identidade, lugar de quem faz e passa psicanálise.

A formação psicanalítica é um caminho construído na medida em que se caminha e cujo ponto final não pode ser pensado. Uma relação muito particular com o saber, com o desejo de saber sobre o desejo dos outros, está implicada no ser psicanalista. Quem se sente autorizado, na escuta do outro, deve saber que algo do seu próprio desejo está sendo colocado em questão nessa atitude; já que não há pulsão epistemológica que obrigue ninguém a querer conhecer o outro, através dos outros.

O analista é efeito de um ato, e por isso, não há um significante que o represente todo. A passagem de analisante a analista, só pode acontecer, no interior do próprio processo analítico.

Para tornar-se analista, pois, carece-se, de análise, que por sua vez também não é condição suficiente para tal. Algo mais se faz necessário para produzir desejo de saber, desejo de analista, que sustentá-lo-a em sua posição no discurso analítico. Esse desejo, é o objeto apresentado em sua forma de enigma, nisso estando implicado todo o modo de comportar-se em relação ao analisante. O analista cobre o objeto com o mistério de seu silêncio e de sua recusa; mantendo o véu que faz lembrar e sentir que o objeto é sempre de falta e de insatisfação.

O sujeito do inconsciente só poderá surgir de um ato proveniente do Outro, um ato de reconhecimento, sob o efeito da transferência, pela qual o analista encontra uma maneira de mostrar analisando que reconhece nele a existência de um desejo a ser decifrado.

Freud escreveu “que ninguém deve praticar a análise, sem ter adquirido o direito a isso, por uma formação determinada. Que essa pessoa seja ou não um médico, parece-me irrelevante.” (1926) Se é pela análise pessoal que se faz possível a transmissão da psicanálise, lugar privilegiado e intransferível de um processo de simbolização interminável; é na instituição que esse processo se complementa, como lugar de trabalho e da teorização da própria experiência. A experiência psicanalítica implica a conquista de um saber que está ali, mas que não sabemos. Essa experiência constitui-se, na medida em que o analisando supõe que o analista é portador de um pretensão saber sobre o desejo, o gozo, a morte.

A psicanálise só se sustenta no real da experiência psicanalítica. Diante do real dessa experiência, o saber adquirido não é de ajuda alguma. O real coloca o sujeito na posição de esquecer o que sabe para articular-se com o que não sabe ainda. Essa capacidade já era falada por Freud quando pedia aos analistas que esquecessem, a cada novo caso, tudo o que sabiam.

Segundo Lacan, “o desejo do analista é comparável à voz do inconsciente, baixa, porém insistente, que diz sempre a mesma coisa.” (1995) O desejo do analista nada tem a ver com o desejo de ser psicanalista; responde a uma necessidade que não se pode teorizar. O psicanalista é desalojado do lugar do Outro para ocupar o de objeto, ou seja, fazer-se causa desse desejo. Apesar de saber a partir do Outro, o que é o desejo, não sabe do desejo do sujeito que com ele se enveredou no caminho da análise. É só a partir da posição de não saber, que se coloca como vazio, que ele pode ser causa de desejo; condição necessária para que osintoma do analisante se destine a ele como uma mensagem. O sujeito surge do deslizamento que é desejo, desejo de saber. Há um saber qualquer que autoriza o analista a exercer à psicanálise. O ato analítico realiza-se

¹ Trabalho apresentado na I Jornada Interna do GPAL em julho/2001.

² Psiquiatra e Psicanalista do GPAL.

a partir do sujeito como objeto, quando este se destitui como analisante para instituir-se como analista.

A passagem de analisante à analista não depende de uma postura, mas em autorizar-se por um dizer; podendo tornar-se objeto causa de desejo para um analisante. A experiência do saber inconsciente, do desejo do analista só pode ser apreendido a partir do ato analítico e esse ato só é compreendido no momento em que é produzido.

Ao sujeito, cabe construir seu próprio saber e descobrir, na sua singularidade, a lidar com o desejo do Outro. O saber que interessa na psicanálise é invenção de cada um; um saber constituído a partir da experiência de cada um, na sua própria análise.

A singularidade do saber analítico, além da sua elaboração, atinge a sua possibilidade de transmissão. É aí que reside a riqueza e o interesse da apresentação de um caso clínico, tendo em vista esta transmissão. O saber que diz respeito à psicanálise repete-se na singularidade de cada cura, tornando o caso clínico de um valor inestimável.

A transmissão na psicanálise é exclusivamente a transmissão de uma experiência analítica, pertencendo ao estatuto do testemunho. O ato analítico não se transmite, é sempre uma criação singular, vinculado mais à ética do que a técnica.

Ser psicanalista é ter capacidade de prosseguir sua análise para além de seu tempo de analisando.

Graças aos seus analisantes, o psicanalista vai perceber o quanto permanece exposto ao inconsciente, na mesma medida em que se dá conta que funciona com referências que desconhece e que o governam sem que saiba.

A supervisão se inscreve aí, numa continuação que faz parte da análise do psicanalista e toma uma dimensão de busca, onde serão questionadas as razões da sua escolha em tornar-se analista e os valores de um psicanalista. A supervisão deve oferecer ao analista a possibilidade de exercitar-se e desenvolver sua percepção e elaboração à cerca do material clínico com que ele lida.

A supervisão vai testemunhar sua experiência e fazer com que ele se dê conta de suas limitações.

Quanto ao supervisor, terá uma forma de rever o seu próprio caminho, reencontrando-se com seu desejo, articulando a teoria com sua experiência analítica, sua prática; constituintes de seu trajeto e que ora se confronta com o desejo de saber de um outro analista.

O saber construído nesse caminho é único, porque se repete na singularidade de cada cura. A psicanálise é sempre renovada a cada novo processo, a cada elaboração, a cada experiência única.

Referências Bibliográficas

Freud, Sigmund (1926). Análise leiga. Em: *Obras Completas*. Volume XX, Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, Jacques (1995). Escola, psicanálise e transmissão. Revista da Letra Freudiana.

Macedo, Rosângela Gazzi (1998). Desejo do analista de que é feito ao efeito de seu ato. *Estudos de psicanálise nº21*. Belo Horizonte: Publicação anual do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

Nasio, Juan David. (1995) *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Zahar.

Naves, Flávia Drummond (1998). Fazer passar: Sobre a transmissão no IEPSI. *Estudos de psicanálise nº21*. Belo Horizonte: Publicação anual do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

Paes, Tereza da Graça O. (1997). O "Real em jogo" na transmissão da psicanálise. *Estudos de psicanálise nº20*. Belo Horizonte: Publicação anual do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

Pimentel, Débora (1995). O desafio da supervisão. *Estudos de psicanálise nº18*. Belo Horizonte: Publicação anual do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

Quinet, Antonio (1991). *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Zahar.